

# JACQUES ANDRÉ E A FEMINILIDADE: A PASSIVIDADE É FEMININA?

## JACQUES ANDRÉ AND FEMININITY: IS PASSIVITY FEMININE?

CRISTIANA DE AMORIM MAZZINI<sup>1</sup>

Recebido em: 12/04/2011

Aprovado em: 02/03/2012

### RESUMO

A descrição de algumas das ideias de Jacques André (1996) presentes no livro *As origens femininas da sexualidade* iniciará a argumentação que desenvolveremos. Em seguida, apresentaremos nossa crítica em relação à circunscrição da passividade, na sedução originária pela vagina, tal como proposta pelo autor. Concluiremos nossa argumentação com uma breve aproximação de nossas ideias às críticas de Judith Butler concernentes à feminilidade e às relações de poder entranhadas em algumas perspectivas psicanalíticas.

**Palavras-chave:** Feminilidade; Jacques André; Judith Butler; Passividade; Psicanálise.

### ABSTRACT

*The description of some ideas contained in the book *As origens femininas da sexualidade* by Jacques André (1996) will begin the discussion to be developed. Thereafter, our critique concerning the circumscription of the passivity by the vagina during the originating seduction, as posited by the author, will be presented. Finally, a brief dialogue with the ideas proposed by Judith Butler will be established concerning not only femininity but also the power relations deeply rooted in some psychoanalytic approaches.*

**Keywords:** *Femininity; Jacques André; Judith Butler; Passivity; Psychoanalysis.*

### 1 Retorno às origens

Uma leitura analítica e contemporânea da obra de Freud, feita por Jacques André (1996), em seu livro *As origens femininas da sexualidade*, propõe um retorno às origens da vida psíquica para desvelar uma teoria da feminilidade que, embora não esteja explícita na teoria freudiana, deixa pistas de caminhos que não foram seguidos ao longo de sua obra. Problematicando a concepção freudiana da feminilidade como uma descoberta da puberdade, o autor segue as pistas deixadas por Freud para propor uma teorização em concordância com as origens do sujeito psíquico. Ao apontar as incoerências teóricas relacionadas à feminilidade, André (1996) demonstra a presença de pontos de vista

irreconciliáveis, indicando contradições que vão de encontro a alguns pilares de sustentação da teoria psicanalítica.

### 2 Dora e a sexualidade infantil

Freud abandonou a teoria da sedução quando constatou que acreditar em todos os relatos de abuso sexual de suas pacientes indicaria uma grande maioria de pais pedófilos. O abandono da teoria da sedução representou um passo importante para teorização psicanalítica acerca das fantasias sexuais presentes na infância e, conseqüentemente, para a descoberta da sexualidade nas crianças. O pênis adquiriu uma importância fundamental na teorização sobre a sexualidade infantil não só para os meninos, mas também para as meninas,

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: crismazzini@yahoo.com.br

levando Freud a postular que a pequena mulher, em decorrência de sua inveja do pênis, se comporta como um homenzinho. De acordo com essa concepção, a vagina, enquanto órgão cuja existência não é referenciada simplesmente pela ausência do pênis, era desconhecida pelas mulheres até que elas atingissem a puberdade.

Jacques André (1996) discorda desse desconhecimento da vagina, afirmando que a teoria freudiana oferece elementos que demonstram a existência de sensações vaginais ainda na infância. Para sustentar sua argumentação, o autor nos lembra da hostilidade sentida por Dora, no sonho em que o Sr. K. está ao lado da cama dela. O relato do sonho desperta a recordação das vezes em que, na infância, seu pai também fazia o mesmo. Ora, se Freud havia constatado a impossibilidade do conhecimento da vagina antes da puberdade, como explicar que a presença do Sr. K. produz uma excitação sexual semelhante à vivenciada por Dora, com seu pai, quando criança? Se a hostilidade contra as investidas do Sr. K. evidencia a excitação provocada pelo pai, o desconhecimento da vagina na infância se torna insustentável.

Na tentativa de entender as razões que levaram Freud a recalcar a feminilidade infantil, André (1996) concorda com a afirmação freudiana de que “o feminino é o recalçado por excelência”. Para esclarecermos essa afirmação, descreveremos o caminho percorrido pelo autor.

### 3 Questionamento da teoria freudiana sobre a feminilidade

Jacques André (1996) nos conta como Karl Abraham foi um importante interlocutor de Freud na questão da feminilidade. Para Abraham, a frigidez das mulheres apontava para o conhecimento da vagina antes da puberdade. “Como reagiria a vagina tão negativamente à primeira tentativa de coito, se nada de positivo a houvesse

precedido? (...) Deve haver um interdito aí, diretamente fundamentado em uma localização” (ABRAHAM, (1924) apud ANDRÉ, 1996, p. 35). Sem a intenção de contradizer a teorização psicanalítica sobre a feminilidade, Abraham (1924) problematizou o aparecimento tardio da feminilidade, propondo um “pequeno complemento” à teoria freudiana. Embora Freud não tivesse discordado das proposições de Abraham, os desdobramentos desse “pequeno complemento” estavam em total desacordo com sua teoria. Se a menina se dirigia libidinalmente ao pai e se o vínculo com ele tinha suas raízes na infância, tal como exemplificado pelo desejo de Dora por seu pai, a descoberta da vagina não poderia ocorrer durante a puberdade.

A contribuição de Abraham apontou um caminho que convidou a psicanálise à subversão das conceitualizações vigentes acerca da sexualidade feminina. Jacques André (1996) segue o caminho apontado por esse autor, questionando como o surgimento de um sintoma neurótico, tal como a frigidez, poderia estar desvinculado da sexualidade infantil. Se foi o próprio Freud quem afirmou que os processos psicosexuais da puberdade são uma repetição dos processos infantis, as raízes da frigidez devem ser procuradas na sexualidade infantil, o que novamente indica o conhecimento precoce da vagina.

### 4 O complexo de masculinidade e a primazia do falo são inquestionáveis?

Para Freud (1931), a inexistência de sexualidade feminina na infância era justificada pelo complexo de masculinidade nas meninas. Ao vivenciar sua sexualidade, a menina se comportava como um menino, uma vez que, ao se masturbar, tomava o clitóris como substituto do pênis, pois sentia inveja do órgão masculino.

Jacques André (1996) discorda dessa analogia, já que o complexo

de masculinidade, nas meninas, desconsidera as sensações vaginais como decorrentes da presença do pai sedutor e libidinal. Se a afirmação freudiana estivesse correta, o complexo de Édipo da pequena mulher seria apenas um momento de repouso e de retraimento, sem relação com as sensações vaginais provocadas pelo homem desejado pela menina, seu pai. A inveja do pênis, para André (1996), desconsidera a vagina como buraco, encobrendo a existência de um prazer, tipicamente feminino, relacionado ao desejo de penetração.

A aproximação entre clitóris e pênis, para o referido autor, é uma posição defensiva diante das angústias provocadas pelo desejo de penetração, que colocam o sujeito numa posição passiva. A defesa contra as angústias advindas dessa passividade se relaciona, segundo ele, com a situação antropológica fundamental, na qual o bebê está totalmente à mercê da penetração generalizada ao ser cuidado pelo outro. Ao manipular o corpo da criança, o adulto implanta sexualidade num psiquismo ainda não constituído, fazendo com que o bebê se engaje num processo de tradução desses conteúdos sexuais enigmáticos. O tratamento simbólico dos conteúdos provenientes do adulto, entretanto, sempre deixa um resto inassimilável que, além de se relacionar à passividade insuportável a que o bebê foi submetido, dá origem ao núcleo do inconsciente. A partir dessa ótica, é possível entender que “invadido” e “recalcado” estão intrinsecamente relacionados na constituição do psiquismo. A atribuição de um pênis tanto aos homens quanto às mulheres está a serviço do recalçamento do caráter penetrável da vagina, que remete a uma posição de passividade insuportável diante do adulto.

Jacques André (1996) relembra que a primeira das mais notáveis teorias sexuais infantis é a atribuição de um pênis tanto para as meninas quanto para os meninos. Enquanto teoria sexual infantil, isso diz respeito menos à tentativa de compreender a sexualidade feminina do que a de teorizar sobre os enigmas impostos pela sexualidade. Ora, se a tradução da sexualidade enigmática advinda do outro recalca a passividade relacionada à feminilidade, não seria possível entender a construção dessa teoria sexual como um processo de recalçamento? Se o primado fálico está a serviço do recalçamento, quais conteúdos estão sendo recalçados pelo mesmo? A postulação de um único sexo, o masculino, para o psiquismo, segundo Jacques André (1996), recalca o outro sexo, o feminino. Para o autor (1996), isso acontece em decorrência da capacidade recalçante da primazia do masculino. A simbolização que desencadeia o recalçamento dos conteúdos não metabolizáveis, que são provenientes das mensagens implantadas pelo adulto e, portanto, apassivadores, é fálica. A importância do falicismo, para André (1996), é inquestionável. Embora não conteste a importância do primado fálico, o autor aponta que há uma impossibilidade de teorizar sobre a feminilidade a partir dele. A piada contada por ele exemplifica bem a situação:

“Conhecemos a história do homem que perde suas chaves, à noite, e procura por elas junto a um poste de luz. A um transeunte que se inquieta, querendo saber se foi ali mesmo que elas foram perdidas, ele responde: ‘Não, mas, pelo menos, aqui está claro.’ Para além do círculo de luz que cerca o poste começa o continente negro; e a zona de sombra onde se encontram as chaves” (ANDRÉ, 1996, p.61).

<sup>2</sup> Cf. discussão sobre a concepção de bebê tradutor, antes mesmo de ter um psiquismo constituído. In: RIBEIRO, P. C. (2000). O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária. São Paulo: Escuta (2000).

Explicar a feminilidade a partir da masculinidade é procurar as chaves junto ao poste de luz quando se sabe que elas estão na região em que não podem ser vistas. Ao servir às funções de simbolização desempenhadas pelo ego, o falocentrismo “participa de um ‘enceguecimento’ diante da feminilidade precoce e, por isso mesmo, ensurdece para toda uma dimensão clínica” (ANDRÉ, 1996, p. 62). A primazia fálica encobre os restos não traduzidos da sexualidade advinda do outro e a disruptividade que lhe é correlata, implicando a exclusão da alteridade na constituição do psiquismo. A importância dada ao pênis apaga o outro sexo, dando lugar não à diferença entre os sexos, mas a um único sexo que faz diferença.

Se a feminilidade está relacionada com os conteúdos do recalçamento originário, a mesma não pode ser acessada sem a mediação da linguagem, que é fálica. Embora a teorização do feminino a partir do falo seja a única maneira de acessá-lo, André (1996) enfatiza a necessidade de reconhecer a existência própria da feminilidade, relacionada às origens do sujeito psíquico. Dessa maneira, tanto a “inexistência da mulher” quanto a teorização do feminino a partir do falo, tão disseminadas na teoria psicanalítica, podem ser entendidas como parte dessa dificuldade.

## 5 A feminilidade e o homem dos lobos

Jacques André (1996) aponta que o caso do Homem dos Lobos descreve um dos poucos trechos da obra freudiana em que a concepção falocêntrica não faz a feminilidade desaparecer. Ao reconhecer a investida homossexual de seu paciente, Freud chega a afirmar que ele ocupa a posição feminina na cena primária. Admitir o desejo que o Homem dos Lobos tinha de ocu-

par o lugar da mulher na cena primária marca um dos raros momentos em que Freud reconhece os vestígios de um desejo de penetração nos meninos. A afirmação freudiana de que os meninos denominam a vagina como “popô da frente” das meninas indica a relação entre o orifício anal e o vaginal. Assim, percebemos que, embora a feminilidade fosse teorizada em termos de castração, o caráter penetrável dos “buracos” do corpo era, de alguma maneira, reconhecido por Freud.

Apesar de não ter discorrido longamente sobre o desejo de penetração nos meninos, André (1996) ressalta as pistas que devem ser seguidas pelos leitores na exploração dos caminhos que foram apenas indicados pela obra freudiana. Se o “popô” pode se referir tanto ao buraco da frente como ao de trás, a possibilidade da penetração nos meninos também deve ser considerada. A expressão “popô da frente” indica a relação entre a vagina e os outros orifícios do corpo, demonstrando que a obtenção de prazer, tanto para as meninas como para os meninos, relaciona-se com a fantasia de passividade.

Como já vimos, essa sensação prazerosa decorrente da passividade se relaciona ao caráter disruptivo das experiências de penetração, as quais fomos submetidos quando bebês. André (1996) acredita que a renúncia da posição feminina dos meninos é teorizada apenas nos termos do medo da castração porque está relacionada à passividade generalizada. O falocentrismo, que discorre sobre a importância da preservação do pênis, considera apenas o caráter narcísico da renúncia. A passividade e a força libidinal, envolvidas no desejo de ser penetrado, ficam, portanto, negligenciadas. A consideração da feminilidade “castrada” em detrimento da “orifical”, conta-nos André, ocorre porque a “angústia de cas-

<sup>3</sup> Cf. o desenvolvimento da concepção lacaniana de que “a mulher não existe”. In: LACAN, J. (1975) Seminário XX: Mais, Ainda. Rio de Janeiro: Zahar Ed., (1982).

tração aparece como a maneira de qualificar e, com isso, tornar mais manejável e mais dominável uma angústia em suspenso, quantum livre de uma libido subtraída do alvo feminino” (ANDRÉ, 1996, p. 82). Assim, é possível entender as razões que fizeram a feminilidade ser tão rechaçada por Freud em nome da lógica da castração.

## **6 Para a feminilidade, qual a psi-co-gênese?**

Conforme descrevemos anteriormente, a constatação freudiana de que os pais de suas pacientes neuróticas não poderiam ser pedófilos em sua maioria levou ao abandono da teoria da sedução como fonte das neuroses. Tal abandono, entretanto, além de ter descartado a irrealidade da fantasia de suas neuróticas, também desconsiderou a importância do papel do adulto como sedutor (LAPLANCHE, 1988). Se Freud (1897) descartou a fantasia de sedução das histéricas por sua irrealidade, Laplanche (1988) ressalta que tal fantasia não deve ser jogada fora, mas deve ser analisada sob a ótica da violência que a relação com um adulto sedutor representa para um psiquismo totalmente passivo.

Baseando-se nas ideias laplanchianas, Jacques André (1996) nos conta que o próprio Freud (1905) reconheceu, nos seus Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, o caráter sedutor dos cuidados destinados à criança no início do desenvolvimento psíquico. Embora o texto de 1905 reconheça que a excitação provocada pelos cuidados do adulto não represente pedofilia, o abandono da teoria da sedução implica a desconsideração do papel do outro sedutor na origem das neuroses. André (1996) atribui o abandono da teoria da sedução ao recalçamento do potencial excitatório do pai. Dessa maneira, o autor aponta que Freud teve dificuldades em reconhecer não só a sedução que ele sofreu por parte de seu pai, Jacob, como também a sedução exercida sobre sua filha, que

certamente pôde ser percebida após ele a ter deitado em seu divã. Ao ressaltar essa dificuldade de Freud, André (1996) assinala o caráter insuportável e o decorrente recalçamento das experiências de passividade sofridas tanto por meninas quanto por meninos.

A partir dessa constatação, André (1996) encontra uma relação entre passividade e feminilidade: a descoberta da diferença anatômica faz com que a criança perceba que o orifício vaginal é penetrável. Após a constatação, a criança passa a atribuir feminilidade às experiências de penetração generalizada, as quais ela havia sido submetida quando bebê. Assim, é a vagina que circunscreve as intromissões da sexualidade do adulto, fazendo com que a posição feminina ofereça uma primeira representação para a posição traumática da criança diante da sedução generalizada do outro. “A ‘criança-seduzida’ ocupa uma posição feminina na medida em que ‘é uma criança-cavidade, uma criança orifício’” (ANDRÉ, 1996, p. 98). Desde as origens do psiquismo, feminilidade e formação do inconsciente estão intrinsecamente relacionadas.

A penetração generalizada do outro, que está na origem do psiquismo, não deixa dúvidas a respeito do prazer envolvido na passividade. A mesma demonstra, portanto, como a passividade, estreitamente relacionada à feminilidade, é, segundo André (1996), vivenciada muito antes da puberdade. Ao contrário da concepção freudiana, tal afirmação aponta para o conhecimento precoce da vagina. Se as representações do interior feminino provenientes do inconsciente do adulto são implantadas na criança, durante os cuidados primários, o conhecimento da feminilidade acontece desde muito cedo.

## **7 Feminilidade anatômica**

Jacques André (1996) acredita que um significante deve ter uma “inscrição na carne” para adquirir o caráter

de representante da pulsão. A penetração do adulto na criança não se dá apenas no plano simbólico, mas também concretamente pela introdução tanto do mamilo na boca quanto do supositório anal.

Essa “inscrição na carne”, aponta André (1996), vai de encontro à proposição lacaniana acerca da constituição do sujeito, a partir da inserção no mundo simbólico. Ele acredita que sua proposição seria acusada de “anatômica” por Lacan, uma vez que defende a existência de sensações vaginais precoces e a circunscrição da passividade pela vagina. O autor lembra que a tomada da cloaca pelas teorias sexuais infantis já demonstra que não é de uma endogênese biologizante que se trata. É de algo que, apesar de associar fantasia e sedução, não despreza a anatomia. Para ele, a teoria psicanalítica, em relação à sua referência anatômica, oscila entre dois extremos: “ou ela é levada em conta e se impõe como um destino, ou é tratada como uma quantidade desprezível, pelos parâmetros desenvolvimentos da fantasia. Isso equivale a esquecer do que a anatomia deve à história do sujeito” (ANDRÉ, 1996, p. 104). Além de exemplificarem como anatomia e história se relacionam, as metáforas da vagina como vaso ou recipiente e do pênis como faca ou espada fundamentam a relação entre passividade e feminilidade, tendo em vista o caráter penetrável da vagina.

Como o autor acima citado referencia as origens do inconsciente na feminilidade, ele se pergunta sobre o impacto dessas proposições no deslocamento do falocentrismo para um ginocentrismo. Segundo ele, a relação do feminino com o recalco não centraliza nada, ao contrário do que acontece em relação ao que é masculino. Enquanto a lógica fálica é de centramento, a da feminilidade se aproxima do recalco disruptivo. Se o ginocentrismo realmente existisse, pondera André (1996), seus resultados seriam perceptíveis. “A irrupção das mulheres (das mulheres, não

das mães) no cenário político, quando se produz, menos faz deslocar o centro do que desorganizar o princípio” (ANDRÉ, 1996, p. 117). Dessa maneira, as ideias propostas por Jacques André não corroboram com o deslocamento para um ginocentrismo, apenas reconhecem a existência da feminilidade como um sexo cuja existência não se referencia somente na ausência da masculinidade.

Para concluir, sintetizaremos nossa descrição das ideias de Jacques André da seguinte maneira: se o início de sua problematização defende a precocidade das sensações vaginais, e conseqüentemente, das origens da feminilidade, o desenvolvimento de suas ideias aponta para a existência de uma feminilidade precoce, feminilidade das origens, presente em todos os sujeitos, independentemente do sexo.

## 8 A passividade é feminina?

Após termos descrito, brevemente, as ideias de Jacques André sobre as origens femininas da sexualidade, passaremos à análise de alguns pontos que, em nossa opinião, precisam ser mais debatidos. Apesar de concordamos plenamente com a afirmação de que a feminilidade não pode ser descrita somente em relação à masculinidade, gostaríamos de levantar algumas questões acerca da proposição do autor. A proposição de que a passividade em relação ao outro tem uma estreita relação com o feminino é o ponto que, em nossa opinião, precisa ser discutido. Será que a indiscutível posição de passividade da criança diante do adulto pode ser considerada feminina com base na premissa de que a posição penetrada tem sua primeira circunscrição na penetração vaginal? Recorrer à vagina para circunscrever uma passividade psíquica não seria um desvio biologizante, tal como apontado por Laplanche (1993) nos momentos em que Freud recorre à filogênese para justificar os “pontos cegos” da teoria? Será que André não

sucumbiu ao ipsocentrismo ao descon- siderar que encadeamento da passivi- dade com a feminilidade não é natural, mas produto da relação do bebê com o outro? O autor não ignora que o corpo possui outros orifícios penetráveis ao circunscrever a penetração generalizada à vaginal? Sob o nosso ponto de vista, a tomada do órgão sexual feminino como aquele que circunscreve a penetração e a passividade precisa ser entendida como consequência do universo simbólico no qual estamos inseridos, uma vez que fe- minilidade e passividade estão estreita- mente relacionadas em nossa cultura.

Para auxiliar nossa argumenta- ção, introduziremos algumas ideias de Judith Butler (2003), filósofa estaduni- dense referência em estudos sobre gêne- ro e sexualidade na contemporaneidade, que apresenta uma crítica bastante inte- ressante em relação à noção de gênero. A autora afirma que postular a dualida- de de gênero em feminino e em mas- culino acaba colocando a sexualidade num domínio pré-discursivo, o que sig- nifica que a mesma é entendida como algo anterior a qualquer construção de discurso. Ela acredita que essa é uma das estratégias que asseguram a esta- bilidade da estrutura binária dos sexos. Diante disso, Butler (idem) aponta que a construção do gênero deve ser com- preendida como efeito de uma cultura que está imersa em relações de poder. É por essa razão que a autora propõe a formulação de uma crítica às estruturas contemporâneas que acabam engen- drando, naturalizando e imobilizando os sujeitos baseadas no argumento da pré-discursividade do sexo.

Tendo essa discussão como pano de fundo, a mesma autora se per- gunta se a construção do gênero pode ser modificada ou se ela implica em um determinismo regido de uma universalidade que impede qualquer modificação que a caracterizaria como pré-discursi- va. Posicionando-se em defesa de uma construção modificável, ela pondera que aqueles que tomam o gênero como fruto

de um determinismo devem se perguntar sobre a maneira pela qual sua constru- ção se dá, já que é preciso compreender como algo pode ser construído na au- sência de um construtor que preceda sua criação. Para Butler (idem), explicações que, apesar de tomarem o gênero como uma construção, o consideram dentro de um determinismo, sugerem que os cor- pos são “recipientes passivos de uma lei natural inexorável” (BUTLER, 2003, p. 26). Tal determinação sobre o corpo im- plica uma concepção de gênero tão fixa, que impõe um “destino” para os seres humanos. Nesse caso, a máxima freudia- na de que “a biologia é o destino” acaba sendo substituída por uma outra, a de que “a cultura é o destino”.

A filósofa argumenta, ainda, que a análise discursiva do gênero acaba li- mitando suas possibilidades de configu- ração, já que o discurso acerca dele não alcança tudo aquilo que pode ser imagi- nado e realizado em nossa cultura. Para ela, o discurso estabelece limites que sempre estão em acordo com aquilo é que culturalmente hegemônico, fazem- do com que a própria denominação dos gêneros exclua outras possibilidades de realização, que não sejam apenas o femi- nino e o masculino. “Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio inimaginável do gênero” (BUTLER, 2003, p. 28).

A partir desse argumento, Butler (2003) aponta que há um fracasso em reconhecer as operações culturais envol- vidas no cerne da opressão. Para ela, a construção pré-discursiva do gênero é um exemplo privilegiado desse fracasso, que está a serviço do falocentrismo. Se, por um lado, a autora denuncia como a construção da sexualidade está a servi- ço de relações de poder governadas pelo falocentrismo, ela também aponta, por outro, a impossibilidade de postular uma sexualidade “fora” das relações de poder. Essa impossibilidade, para Butler (idem), é responsável pelo adiamento da neces- sária tarefa de repensar possibilidades subversivas da sexualidade dentro das

próprias relações de poder. Tal impossibilidade de conceber o gênero “fora” das relações de poder, segundo ela, não desresponsabiliza a sociedade de repensá-lo criticamente, já que as relações de dominação não devem ser reproduzidas indiscriminadamente. Essa tarefa crítica é apresentada como indispensável para que a hegemonia possa ser deslocada ao invés de ser consolidada. Tomar o gênero como construção não implica uma artificialidade, uma vez que “ser construído” não o torna “irreal”. Ainda que a dualidade de gênero não seja “irreal”, Butler (2003) procura entender a plausibilidade de sua configuração binária que, muitas vezes, naturaliza e consolida determinadas hegemônias com base na diferença entre masculinidade e feminilidade.

Tomando como base as ideias de Judith Butler, acreditamos que a relação feita por Jacques André entre passividade e feminilidade, que decorre da circunscrição da penetração pela vagina, não indica o caráter feminino das experiências de passividade em relação ao outro. A própria apenas demonstra como a frequente relação entre feminino e aquilo que é rechaçado em nossa cultura encontrou uma forma de legitimação na teoria psicanalítica. Ora, embora seja necessário compreender que o recalco da posição passiva diante do outro resulta da desagregação provocada pela passividade, a relação entre recalco originário e feminilidade parece se dever mais ao papel social atribuído às mulheres em nossa sociedade do que ao caráter penetrável da vagina. Acreditar que a passividade é circunscrita em decorrência da penetrabilidade da vagina é biologizar uma construção que é social. A circunscrição da penetração generalizada pela feminilidade não pode ser entendida a partir de uma caracterização pré-discursiva. É a maneira como o discurso dominante caracteriza a feminilidade que faz com que a mesma seja facilmente associada à passividade e a conteúdos disruptivos.

Vimos que Jacques André se pergunta sobre o impacto de sua argu-

mentação no possível deslocamento para um ginocentrismo. Diante desse questionamento, também apontamos como o autor acredita que a participação das mulheres no cenário político provoca uma “desorganização do princípio”, o que, para ele, é uma prova de que suas ideias não provocam nenhuma alteração nas concepções falocentristas. Sob nosso ponto de vista, tal afirmação, que aponta uma concepção desvalorativa da feminilidade, é um exemplo do jogo das relações de poder implicadas na associação entre feminilidade, passividade e recalco originário, feita pelo autor.

Nossa crítica não pretende defender a desvinculação total entre passividade e feminilidade. Sabemos que essa relação é verdadeira para os que vivem em nossa sociedade e não pretendemos acusar aqueles que teorizam sobre tal. Nossa pretensão é apenas apontar que essas relações não devem ser naturalizadas, nem em nome da biologia nem tampouco em nome de construções universalizantes, que colocam a feminilidade em um domínio pré-discursivo. Mesmo sabendo que desconsiderar a arraigada vinculação entre feminilidade e passividade seria ingênuo, acreditamos na necessidade de apontar as relações de poder implicadas nesse vínculo para que possamos nos engajar em uma repetição que seja diferencial, em vez de simplesmente consolidá-la.

Judith Butler (2003) acredita que postular a dualidade de gênero com base em pênis e em vagina é uma maneira de assegurar a estrutura binária a serviço das relações de poder em nossa sociedade. O fato de sexo e gênero coincidirem na maioria das vezes não indica que tal coincidência seja natural, uma vez que não existe complementaridade entre pênis e vagina que justifique a naturalização do gênero. Com base nessa argumentação, acreditamos que o conceito de “feminilidade”, amplamente utilizado por Jacques André, deve ser problematizado. Em concordância com o ponto de vista de Butler, acreditamos



que André acaba tomando a feminilidade de maneira pré-discursiva, como se tal conceito tivesse uma essência em si, desvinculado do contexto no qual foi criado.

A problematização de concepções baseadas no sexo biológico não é uma inovação proposta por Judith Butler. Isso já foi feito pela psicanálise, que foi revolucionária ao revelar que, embora a sexualidade humana possa se vincular à função reprodutiva, ela não lhe é inerente. Nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), Freud foi pioneiro de uma revolução que, além de questionar a natureza necessariamente heterossexual do objeto, descreveu a variabilidade dos objetos sexuais, descentralizando os órgãos genitais como os únicos meios de obtenção de prazer sexual.

Embora Judith Butler (2003) reconheça o caráter subversivo da psicanálise, que escandalizou uma sociedade com a postulação da sexualidade infantil, ela aponta que é a própria teoria psicanalítica que tem corroborado para a manutenção do conservadorismo em relação à feminilidade. A mesma chave que abriu as portas para a subversão do campo sexual com a descoberta da sexualidade infantil tem trancado os caminhos para a subversão da sexualidade feminina.

Com base nessa contradição, entendemos que as ideias de Jacques André podem ser consideradas exemplos do movimento paradoxal da teoria psicanalítica. Tal como Butler, Jacques André (1996) também problematiza as concepções falocêntricas acerca de uma sexualidade feminina baseada na castração. Embora ele, diferentemente de Butler, não leve a discussão para o campo político, acreditamos que o questionamento sobre a feminilidade castrada pode ser aproximado das ideias da filósofa estadunidense, que defende uma concepção de feminilidade que não se restringe a inveja do pênis, mas que é definida por algo que lhe é próprio.

Se é possível aproximar alguns pontos das teorizações de André e Butler, julgamos que o encadeamento entre feminilidade e passividade está em desacordo com as proposições subversivas propostas pela filósofa. Ter nascido com uma vagina e obter prazer exclusivamente pela penetração parece ser mais uma contingência do que uma regra. Embora a feminilidade possa apresentar uma primeira representação para as experiências de passividade diante do adulto, é necessário sublinhar o caráter não natural de tal representação. Assim, podemos defender que a circunscrição da passividade generalizada pela vagina, e não por um dos outros orifícios corporais, é resultado mais da relação histórica entre feminilidade e passividade do que do caráter orifício do órgão feminino.

Se considerarmos que conceitos fundamentais da psicanálise, tais como o complexo de Édipo e o complexo de castração, referenciam-se na diferença sexual, é possível concluir que a teorização de Jacques André não parece dissonante do resto da teoria psicanalítica. Podemos entender, a partir disso, que o problema não se restringe às ideias do autor, mas está entranhado numa teoria que trouxe consigo os reflexos do contexto no qual foi pensada. Ao considerarmos que a psicanálise foi criada há mais de cem anos, achamos necessário pensar como as mudanças no mundo contemporâneo podem contribuir na adequação dos conceitos para os dias atuais.

Embora a própria teoria psicanalítica afirme que ter pênis não implica desejar uma mulher, da mesma maneira que ter nascido com uma vagina não determina o desejo por um homem, as formulações acerca do complexo de Édipo acabam se apresentando de forma normativa. A mobilização das pulsões e dos afetos ligados aos pais durante o Édipo indica que o menino se volta para a mãe e tem o pai como rival, enquanto a menina, frustrada por não ter recebido um pênis de sua mãe, decepciona-se

com esta e volta-se para o pai, na tentativa de conseguir o tão desejado falo. A fase edípica, dessa maneira, envolve a noção de uma complementaridade entre pênis e vagina, na medida em que o filho de um determinado sexo apresenta um desejo direcionado ao genitor do sexo oposto. O complexo de Édipo, tomado numa vertente estrutural na qual a figura do pai, representada pela metáfora paterna, é responsável pela subjetivação e pela entrada do sujeito na cultura, pode levar a interpretações que elevam o simbólico a algo que transcende o conjunto dos indivíduos e os colocam numa categoria pré-discursiva.

Jean Laplanche (1993) também questiona a concepção do simbólico ao defender a concretude das mensagens implantadas no corpo da criança, no momento da sedução originária. Para ele, ainda que o tratamento simbólico dessas mensagens enigmáticas faça parte do processo que dará origem ao inconsciente, a influência do outro na constituição do inconsciente não se dá somente pela via do discurso, uma vez que a sedução originária inclui a linguagem não-verbal. Em seu livro, *A Tina: A transcendência da transferência*, o autor problematiza a referência ao “simbólico” e à “Lei” como algo que paira além dos indivíduos. Com base nas palavras de Freud, que considera as regras e as leis variáveis de acordo com contextos diferentes, Laplanche embasa seu argumento em defesa de uma certa flexibilização da norma, uma vez que a regra que funciona para uns pode não funcionar para outros:

“No que se segue, esforçar-me-ei por reunir, para uso de psicanalistas militantes, algumas regras para o início do tratamento. Entre elas estão algumas que podem parecer pormenores insignificantes, como na verdade são. Sua justificativa é serem simplesmente regras de ‘recomendações’ e não reivindicar qualquer aceitação incondicional para elas. A extraordinária diversidade das

constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza dos fatores determinantes opõem-se a qualquer mecanização da técnica; e ocasionam que um curso de ação que, via de regra, é justificado possa, às vezes, mostrar-se ineficaz, enquanto outro, que é habitualmente errôneo possa, de vez em quando, conduzir ao fim desejado. Estas circunstâncias, contudo, não nos impedem de estabelecer para o médico um procedimento que, em média, é eficaz” (FREUD, 1913/2006, p. 139).

Ao seguirmos a trilha de Freud, que reformulou suas ideias inúmeras vezes na tentativa de abranger aquilo que a regra falhava em explicar, acreditamos que a flexibilização dos papéis feminino e masculino, no complexo de Édipo, é necessária. A mudança dos papéis desempenhados por homens e por mulheres nos últimos cem anos certamente exige reformulações acerca do complexo de Édipo.

Os conceitos de função materna e paterna, ainda que não se restrinjam à mãe e ao pai, respectivamente, implicam na expectativa de determinados papéis sociais às figuras parentais. Não queremos, com isso, propor que a determinação desses papéis não deva existir, só estamos querendo enfatizar que, enquanto construção social, os mesmos podem ser repensados e readequados para que, como já descrevemos anteriormente, possamos produzir uma repetição que seja diferencial.

A psicanálise não está imune às representações sociais e às relações de poder vigentes na sociedade na qual se desenvolveu - como se tal imunidade fosse possível a alguma teoria. Isso, entretanto, não torna desnecessário o questionamento dos valores hegemônicos que causam sofrimento aos sujeitos que deles são excluídos. Márcia Arán (2009), professora do Instituto de Medicina Social da UERJ e estudiosa das questões referentes à feminilidade,

aponta dois caminhos possíveis para psicanálise diante desses impasses: ou ela se transforma em um saber normativo referenciado em um esquema pré-discursivo, ou propõe uma leitura subversiva do pensamento vigente, tal como fez com a sexualidade infantil. Concordando com a autora, gostaríamos de concluir nos posicionando ao lado da subversão, ressaltando que o fato de vivermos numa época marcada por reivindicações sociais, que redefinam nossos posicionamentos, indica que o caminho a ser percorrido pela psicanálise, para que ela esteja consonante com os dilemas da sociedade na qual é produzida e para a qual é instrumento de intervenção.

#### Referências bibliográficas

ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo da diferença sexual. **Revista Estudos Feministas**, 2009, vol. 17, nº 3, p. 653-672.

ANDRÉ, Jacques. **As origens femininas da sexualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FREUD, S. Extratos de documentos dirigidos a Fliess – Carta 71. In: **Edição Padrão das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Trabalho original publicado em 1897).

\_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil. In: **Edição Padrão das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Trabalho original publicado em 1918).

\_\_\_\_\_. Novas conferências introdutórias. In: **Edição Padrão das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Trabalho original publicado em 1933).

\_\_\_\_\_. Sexualidade feminina. In: **Edição Padrão das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Trabalho original publicado em 1931).

\_\_\_\_\_. Sobre o início do tratamento. In: **Edição Padrão das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Trabalho original publicado em 1913).

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Padrão das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Trabalho original publicado em 1905).

\_\_\_\_\_. Uma criança é espancada. In: **Edição Padrão das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Trabalho original publicado em 1919).

LAPLANCHE, Jean. Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In: **Teoria da Sedução Generalizada e Outros Ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

\_\_\_\_\_. **A tina: A transcendência da transferência**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Revolução Copernicana Inacabada**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1993. (trad. M. S. Deweik & M. L. C. Costa, trabalho original publicado em 1992).